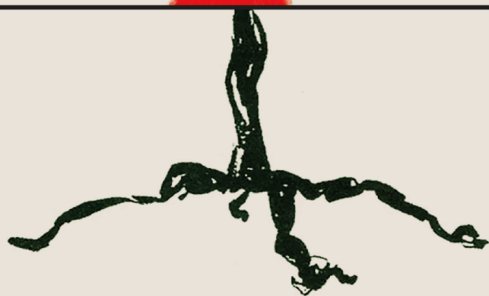


A large, expressive red brushstroke graphic that flows from the top right, curves around the central text, and extends towards the bottom left. It has a textured, painterly quality.

22

SEMANA DE ARTE MODERNA



**CENTENÁRIO DA SEMANA
DE ARTE MODERNA
NO THEATRO MUNICIPAL
DE SÃO PAULO**



UMA CONSCIÊNCIA
PARTICIPANTE, UMA
RÍTMICA RELIGIOSA
BENTIVOL
HUMANA

PROGRAMAÇÃO FEVEREIRO 2022

RECASTURA

10 fev a 13 mar

CHRIS TIGRA

EXPOSIÇÃO
THEATRO MUNICIPAL

A partir de desenhos iconográficos do século XVIII, cartas de compra e venda de escravizados e fotografias sobre o negro brasileiro, *Recostura* se constrói. Uma série de cinco imagens em tecido trazem mulheres escravizadas, cada uma delas empunhando um facão bordado. O instrumento, utilizado no trabalho, também abre os caminhos nas matas. Lágrimas de sangue delicadamente bordadas atravessam os limites dos corpos e tecidos trazendo o questionamento: *Onde estava o negro na Semana de Arte Moderna de 1922?*

Chris Tigra trabalha com linguagens híbridas, investigando as urgências humanas. Artivista em busca de transformação humana, é pós-graduada em artes e contemporaneidade pela Escola Guignard, Universidade Estadual de Minas Gerais.

O acesso à parte interna da exposição será realizado por meio das nossas visitas educativas. A capacidade é de 25 pessoas por horário.

As inscrições devem ser feitas pelo nosso site: **theatromunicipal.org.br**.

Quem não conseguir realizar o agendamento prévio pelo site, poderá adquirir o ingresso na bilheteria. Sujeito a lotação.



FALTAS, FENDAS E FORÇAS DA SEMANA DE 22

10 quinta das 16H às 18H

COM **ALLAN DA ROSA**
E **JOSÉ MIGUEL WISNIK**

MEDIAÇÃO
BEL SANTOS MAYER

MESA-REDONDA
THEATRO MUNICIPAL – SALÃO NOBRE

ESTÉTICAS NEGRAS, URBANIDADE E MODERNISMO

Allan da Rosa é editor, educador e escritor brasileiro. Graduiu-se em história pela Universidade de São Paulo onde, em seguida, fez mestrado em cultura e educação.

MÁRIO DE ANDRADE, PARA ALÉM DAS INTERPRETAÇÕES FÁCEIS

José Miguel Wisnik é músico, compositor e ensaísta. Professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo. Graduado em letras pela Universidade de São Paulo, mestre, em 1974, e doutor em teoria literária e literatura comparada pela mesma universidade.

Bel Santos Mayer é pedagoga, gestora da Rede LiteraSampa, integrante da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias e coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac). Atua desde 1980 em organizações não governamentais, facilitando processos de criação de Centros de Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes (Cedecas) e de bibliotecas comunitárias gerenciadas por crianças e adolescentes.

GRATUITO (entrada livre)

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA **LIVRE**

DURAÇÃO APROXIMADA
120 MINUTOS



MÚSICA CORAL BRASILEIRA

CORAL
PAULISTANO

10 quinta 19H

CONCERTO
PRAÇA DAS ARTES –
SALA DO CONSERVATÓRIO

MAÍRA FERREIRA
REGÊNCIA

ISABELA SISCARI
REGÊNCIA

ROSANA CIVILE E
RENATO FIGUEIREDO
PIANO

JULIANA RIPKE E
MÁRIO DE ANDRADE
IMPRESSÃO DO SEGUNDO (2021) (4')

RONALDO MIRANDA
E MANUEL BANDEIRA
BELO BELO (4')

OSVALDO LACERDA E
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
POEMA DA NECESSIDADE (2')

ALMEIDA PRADO
E HILDA HILST
DUAS BUCÓLICAS (5')

DINORÁ DE CARVALHO
E CLEÓMENES DE CAMPOS
ACALANTO (1933) (4')

RONALDO MIRANDA
E CECÍLIA MEIRELES
NOITE (4')

ANTONIO RIBEIRO E
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
OFICINA IRRITADA (7')

AYLTON ESCOBAR
E HILDA HILST
BALADA PARA 12 CANTORES (3')

HEITOR VILLA-LOBOS
(1887-1959)
BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 9 (12')
I. PRELÚDIO: VAGAROSO E MÍSTICO
II. FUGA: POCO APRESSADO

INGRESSOS
R\$30

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
LIVRE

DURAÇÃO APROXIMADA
45 MINUTOS

SOBRE O PROGRAMA

REVERBERAÇÕES MODERNISTAS, HERANÇA ANDRADIANA: O CORAL PAULISTANO E O CENTENÁRIO DA SEMANA DE ARTE MODERNA

Em uma madrugada no final do mês de janeiro de 1922, a cidade de São Paulo foi surpreendida por um assustador tremor de terra. O incidente, que alvoroçou a cidade e deixou atônitos os seus moradores, foi amplamente noticiado nos jornais, pois temia-se que até o Viaduto do Chá tivesse sofrido danos com o inexplicável *terremoto*. Esse abalo sísmico foi uma espécie de prenúncio simbólico do que aconteceria dias depois no prédio vizinho ao Viaduto do Chá, o Theatro Municipal de São Paulo: a *Semana de Arte Moderna*. Realizada entre os dias 13 e 17 de fevereiro daquele ano, a também denominada Semana de 22 marcou a história cultural brasileira e assumiu, de certa forma, um caráter mítico até os dias atuais. Com o espírito de se tornar um grande *abalo cultural*, contou com a participação de um grupo de artistas que desejava conferir nacionalidade à arte brasileira, positivando a cultura local a partir de certas bases da música europeia. O evento oficializou, assim, o movimento modernista brasileiro, que anos antes havia começado a fervilhar no país.

Por isso, esta noite é duplamente festiva para o Coral Paulistano: ao mesmo tempo que inaugura sua temporada de concertos, celebra também o centenário da Semana de Arte Moderna, que foi articulada em grande medida pelo paulistano Mário de Andrade (1893-1945), personagem fundamental na história do grupo. Além de escritor, musicólogo, ensaísta, crítico, professor, jornalista, folclorista e um dos grandes pensadores do Modernismo e Nacionalismo brasileiros, Mário foi o fundador e idealizador do Coral Paulistano no ano de 1936, período em que ocupava o cargo de diretor do pioneiro Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura Municipal de São Paulo, também por ele fundado.

Ao inaugurar o Coral Paulistano, o objetivo de Mário de Andrade era oferecer à cidade de São Paulo um grupo vocal que *cantasse brasileiro*, baseado nos ideais modernistas da Semana de 22, difundindo entre a população a música nacional e o canto em língua portuguesa. Assim, o programa deste concerto se apoia na própria vocação inicial do grupo. Além disso, segundo Maira Ferreira, maestrina titular do Coral Paulistano, “mais do que uma homenagem à Semana de Arte Moderna, o programa desta noite se presta a refletir justamente a conexão entre a música e o texto em

português, e a maneira como importantes compositoras e compositores brasileiros trabalharam essa relação, refletindo a herança modernista”.

Outro aspecto importante deste concerto – e que tem se tornado uma marca do Coral Paulistano – é a inclusão expressiva de obras de compositoras e poetisas em sua temporada. Hoje não será diferente: teremos o privilégio de ouvir composições de Dinorá de Carvalho (1895-1980) e Juliana Ripke (1988), além de poemas de Hilda Hilst (1930-2004) e Cecília Meirelles (1901-1964) vertidos em música.

Nesse espírito, o programa começa com *Impressão do Segundo*, obra de Juliana Ripke escrita especialmente para o Coral Paulistano em 2021. A compositora utilizou excertos do romance *Amar, Verbo Intransitivo* (1927), de Mário de Andrade: “[...] a felicidade é tão oposta à vida que, estando nela, a gente esquece que vive. Depois quando acaba, dure pouco, dure muito, fica apenas aquela impressão do segundo”. Ao transformar o texto em música, Ripke busca exprimir o caráter fugaz da felicidade, da vida e do próprio fenômeno musical nas mudanças harmônicas e melódicas que realiza ao longo da peça. Na abertura deste concerto, o convite à vivência do tempo a partir da sensível peça de Ripke e do precioso texto de Mário de Andrade é um chamado para apreciarmos, hoje, a produção de nossos compositores e poetas conterrâneos.

Em seguida, ouviremos *Belo Belo*, música do compositor carioca Ronaldo Miranda (1948) para o homônimo e célebre poema de Manuel Bandeira (1886-1968). Logo no início da obra ouvimos um perfil melódico bastante familiar, que geralmente associamos à música do nordeste do Brasil, além da estrutura rítmica do baião. Vasco Mariz comenta que essa composição possui um “brasilismo claro e direto” – remetendo-se às palavras de Afrânio Lacerda¹ –, e é bem possível que Mário de Andrade tenha deparado com essas sonoridades na Missão de Pesquisas Folclóricas, por ele organizada e realizada em 1938 pelas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Miranda cria ambiências musicais ao poema de Bandeira, um texto que expressa a desilusão, o pessimismo e, primordialmente, o desejo por aquilo que não se possui, indicado pela palavra *quero*: motor do poema, ao repeti-la o compositor reforça a ânsia do poeta.

Se no texto de Manuel Bandeira o desejo reflete a angústia de um indivíduo, Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) transforma-o em sentimento apocalíptico e universal em *Poema da Necessidade*. A anáfora “É preciso...” reflete ainda as imposições sociais que tornam imprescindíveis certas ações banais e cotidianas. O compositor paulistano Osvaldo Lacerda (1927-2011) verteu o conhecido poema de Drummond em música no ano de 1967 e, segundo Isabela Siscari, regente assistente do Coral Paulistano, “o que o interessou foi a possibilidade

¹ MARIZ, Vasco. *História da Música no Brasil*. 6.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 463.

dramática da poesia, a construção de um minidrama”, explorando a referida anáfora do poema de um modo quase maquinal. Lacerda constrói uma composição que privilegia a clareza do texto, inteligível ao longo de toda a peça, e enfatiza a prosódia e a entonação. O resultado sonoro de sua obra reflete a carga dramática do texto de Drummond: uma espécie de prece apática e resignada, que parece ser a representação do homem contemporâneo ao ceder às pressões vivenciadas em sociedade.

Em *Duas Bucólicas*, o compositor santista José Antônio de Almeida Prado (1943-2010) baseou-se em textos de sua prima poetisa Hilda Hilst – cujos 18 anos de morte são lembrados neste mês de fevereiro. Concebidas como peças de confronto do II Concurso Nacional Funarte de Canto Coral, nelas Almeida Prado constrói uma síntese de sua própria obra, no que se refere aos materiais musicais e à temática. Em ambas as peças o compositor privilegia o texto e o canto possui, desse modo, um caráter quase falado. Além disso, Almeida Prado tinha por hábito pintar aquarelas para as capas de suas peças, e sua conexão com a pintura fica ainda mais evidente com a escolha desses textos de Hilst, que descrevem paletas de cores de paisagens bucólicas. Dessa maneira, o compositor explora as cores expressas no poema, buscando criar uma espécie de *sinestesia*. Ele nos convida a *ouvir a luminosidade* das cores ou a *ver o som* de cada uma delas, criando um caleidoscópio de som e de cor a cada verso.

Com texto de Cleómenes de Campos (1895-1968), *Acalanto* (1933), da compositora mineira Dinorá de Carvalho, traz a doçura e a paz das tradicionais canções de ninar que embalsamam dezenas de gerações brasileiras. Personalidade relevante na história musical da cidade de São Paulo, Dinorá foi aluna de Mário de Andrade no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo – em cuja sala restaurada assistiremos ao concerto de hoje –, e foi por ele incentivada a seguir os estudos de composição e a carreira de musicista profissional. Pianista virtuose, aluna no Conservatório de Paris do célebre Isidor Philip – professor de Guiomar Novaes –, Dinorá foi a primeira compositora a integrar a Academia Brasileira de Música, além de ser fundadora e dirigente, em 1930, da Orquestra Feminina de São Paulo, a primeira da América Latina a ser integrada unicamente por mulheres.

Ainda na atmosfera da quietude evocada pela obra de Dinorá de Carvalho, o Coral Paulistano apresenta uma segunda composição de Ronaldo Miranda: *Noite*, a partir de texto de Cecília Meireles. Trata-se de uma obra de caráter cristalino e que evoca a canção popular, com harmonias e liberdade rítmica típicas da bossa nova, pontuando o texto de Meireles com delicadeza.

Em seguida ouviremos *Oficina Irritada*, do compositor Antonio Ribeiro (1971), a partir do poema homônimo de Carlos

Drummond de Andrade. O poeta escreve: “Eu quero pintar um soneto escuro, / Seco, abafado, difícil de ler”, e é a partir desses versos que Ribeiro fundamenta uma espécie de *toccata* para piano e coro, pantonal, de difícil interpretação e execução – manifestando-se, assim, o “difícil de ler” de Drummond. A obra é dividida em três seções. Na primeira delas, observa-se um diálogo entre piano e coro, com uma sonoridade árida e de aspecto *meccanico*. A segunda parte consiste em uma fuga, mais lenta, com protagonismo um pouco maior do coro, seguida da terceira e última seção, que é uma *coda*, síntese das partes anteriores e que, segundo o compositor, inicia-se “como um fiapo sonoro que se adensa até um final de impacto, em que o coro e o piano se exibem e encerram a peça de forma bem contundente”.

A poesia de Hilda Hilst se faz novamente presente nesta noite em *Balada*, do paulistano Aylton Escobar (1943), um dos grandes mestres brasileiros da composição coral. A obra é dedicada a Naomi Munakata e Martinho Lutero Galati, dois grandes amigos de Escobar e mestres da música coral, regentes titulares anteriores do Coral Paulistano cujas vidas foram ceifadas pela Covid-19. Consonante à poeta, o compositor homenageia esses músicos ao chamar atenção para a humildade dos que constroem a beleza, tornando sua obra um meio político de reivindicar a justiça àqueles que trabalham e lutam, mas são os menos reconhecidos. Vale ressaltar o trabalho magistral de prosódia realizado por Escobar nessa composição que, certamente, é uma das obras corais mais importantes compostas nos últimos tempos.

Para o encerramento deste concerto, o Coral Paulistano interpreta as *Bachianas Brasileiras N° 9* (1945/1948), de Heitor Villa-Lobos, compositor que participou da Semana de Arte Moderna e que se tornou uma espécie de “pai” do modernismo musical brasileiro. Iniciada por Villa-Lobos em 1930, as *Bachianas Brasileiras* consistem em uma série de nove obras compostas para diversas formações e que aliam a inspiração na obra de Bach e a evocação de tradições brasileiras, resultando em uma espécie de *miscigenação musical* bem alinhada aos ideais da Semana de 22. Isto se reflete, por exemplo, nas indicações dos movimentos, que em todas as *Bachianas* possuem dois títulos: o primeiro faz referência à tradição barroca, na qual Bach estava inserido, e o segundo diz respeito aos gêneros musicais folclóricos ou populares brasileiros.

Ouviremos a última obra da série *Bachianas Brasileiras*, escrita para orquestra de cordas ou coro misto a *cappella*. Embora a interpretação das *Bachianas n° 9* por orquestra de cordas seja a mais corrente, é a sua versão para coro que evidencia o caráter mais intrínseco dessa série de Villa-Lobos. Segundo Tarasti², “todas as *Bachianas* atendem à ideia de entonação cantábile”, na qual o compositor busca construir

² TARASTI, Eero. *Heitor Villa-Lobos: vida e obra* (1887-1959). São Paulo: Editora Contracorrente, 2021, p. 292.

longas linhas melódicas, em estilo de cantilena. Vale também ressaltar que as *Bachianas Brasileiras N° 9* não possuem um texto de base, mas sim certa *instrumentalização* da voz, cujas mudanças timbricas estão atreladas às vogais e sílabas escolhidas pelo compositor para serem entoadas pelo coro. A composição é coroada por seu segundo movimento, uma fuga em compasso assimétrico, que rompe com a eventual sisudez desse gênero.

Bom concerto!

Helen Gallo

CORAL PAULISTANO

Com a proposta de levar a música brasileira ao Theatro Municipal de São Paulo, o Coral Paulistano foi criado, em 1936, por iniciativa de Mário de Andrade. Marco da história da música em São Paulo, o grupo foi um dos muitos desdobramentos da Semana de Arte Moderna de 1922. Ao longo de décadas, o coral esteve sob a orientação de alguns dos mais destacados músicos de nosso país, como Camargo Guarnieri, Frutuoso Vianna, Miguel Arqueróns, Tullio Colacioppo, Abel Rocha, Zwinglio Faustini, Antônio Fernandes, Samuel Kerr, Henrique Gregori, Roberto Casemiro, Mara Campos, Tiago Pinheiro, Bruno Greco Facio, Martinho Lutero Galati e Naomi Munakata. Com uma extensa programação de apresentações de música brasileira erudita em diferentes espaços da cidade, renovou seu fôlego e reacendeu sua autenticidade. Atualmente chamado de Coral Paulistano, tem como regente titular a maestrina Maira Ferreira.

MAÍRA FERREIRA REGENTE TITULAR

Maira Ferreira é bacharel em regência e em piano pela Unicamp e possui mestrado em regência pela Universidade Butler, em Indianápolis (EUA), sob orientação do maestro Henry Leck. Atualmente, é regente titular do Coral Paulistano, do Coro Adulto da Escola Municipal de Música e do Coral Avançado do Instituto Baccarelli. Foi premiada pela Revista *Concerto* na categoria Jovem Talento no prêmio Melhores do Ano de 2019. Nos Estados Unidos, entre 2013 e 2015, foi pianista colaboradora do Butler Opera Theater, além de atuar como regente assistente do Butler Chorale e University Choir, regidos por Eric Stark. Integrou o Indianapolis Symphonic Choir, apresentando-se em importantes salas de concertos dos Estados Unidos, incluindo Carnegie Hall. Especializada em coros infantojuvenis, atuou também no Indianapolis Children's Choir, grupo com grande destaque no cenário coral mundial.

FICHA TÉCNICA

CORAL PAULISTANO

Regente Maira Ferreira

Regente Assistente Isabela Siscari

Sopranos Adriana Hye Kim, Aymée Wentz, Dênia Campos, Eliane Aquino, Indhyra Gonfio, Larissa Lacerda, Luciana Crepaldi, Marly Jaquiel, Narilane Camacho, Raquel Manoel, Rose Moreira, Samira Hassan, Sira Milani e Vanessa Mello

Contraltos Adriana Clis, Andréia Abreu, Gilzane Castellan, Helder Savir, Lúcia Peterlevitz, Regina Lucatto, Samira Rahal, Silvana Ferreira, Taiane Ferreira, Tania Viana e Vera Platt

Tenores Fábio Diniz, Fernando Grecco, Fernando Mattos, José Palomares, Marcio Bassous, Marcus Loureiro, Pedro Vaccari, Ricardo Iozzi e Thiago Montenegro **Baixos** Ademir Costa, Jan Szot, Jonas Mendes, José Maria Cardoso, Josué Alves, Marcelo Santos, Paulo Vaz, Xavier Silva e Yuri Souza

Pianistas Renato Figueiredo e Rosana Civile **Gerente de Coro** Valdemir Silva **Inspetor** João Blasio **Auxiliar Administrativa** Ana Flávia Costa

DONA ONETE E DJ JU SALTY

11 sexta às 20H

SHOW
PRAÇA DAS ARTES – VÃO LIVRE

Ionete da Silveira Gama, carinhosamente conhecida como **Dona Onete**, é a diva do carimbó, ritmo característico da região do Pará. Cantando desde menina, hoje com 82 anos, nunca deixou de se envolver com a música. Com sua voz marcante, cresceu entre Belém e Igarapé-Miri, foi secretária de Cultura, professora de história e estudos paraenses, fundou e organizou grupos de danças folclóricas e agremiações carnavalescas.

Ju Salty é DJ, pesquisadora musical e colecionadora de vinis. Começou suas investidas sonoras no final de 2006 e seus sets são repletos de misturas que se fundem construindo sonoridades simples e irresistíveis, com fortes influências das sementes colhidas da musicalidade africana que se alastraram para o resto do mundo como jazz, acid jazz, soul, original funk, rock, afrobeats, hip-hop, música latina, jamaicana e brasucadas.

INGRESSOS
R\$30

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA **LIVRE**

DURAÇÃO APROXIMADA
120 MINUTOS

THEATRO MUNICIPAL SÃO PAULO

EXPEDIÇÕES MODERNISTAS

12 sábado 10H e 13H30

Dentro das comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna, programamos dois roteiros inspirados na Missão de Pesquisas de Mário de Andrade. As expedições começam na Casa da Imagem e na Biblioteca Mário de Andrade e se encerram no Complexo Theatro Municipal, com apresentações do Coro Lírico Municipal e do Quarteto de Cordas da Cidade. Os percursos têm como objetivo estimular a experimentação artística e poética, o convívio e a cidadania cultural, ampliando as possibilidades de fruir e ocupar a cidade.

As propostas de mediação, registros e atividades artísticas, conduzidas pelos coletivos Sorver Versos, PinRolê e Teatro Dodecafônico, convidarão os grupos à reflexão sobre nossa relação atual com o tempo e com a cidade por meio de experiências coletivas que ampliam as possibilidades do olhar, dos sentidos, exercitando a criatividade, a escuta e o reconhecimento das diferentes manifestações culturais espontâneas que acontecem nos arredores do Theatro Municipal.

Atividade desenvolvida em parceria com o Museu da Cidade e a Biblioteca Mário de Andrade.

ITINERÂNCIAS MEDIADAS
ARREDORES DO MUNICIPAL –
EQUIPAMENTOS CULTURAIS

COLETIVOS
PARTICIPANTES:

COLETIVO TEATRO DODECAFÔNICO:

formado por artistas de várias áreas, pesquisa atualmente procedimentos de deriva e o caminhar pela cidade como uma prática estética e política.

COLETIVO PINROLÊ:

coletivo de fotografia pinhole e processos alternativos em impressões de imagens, foi criado no ano de 2012 com a intenção de promover passeios fotográficos com câmeras pinhole pela cidade de São Paulo.

SORVER VERSOS:

coletivo formado por André Gravatá, poeta e educador, e Serena Labate, artista e educadora, ambos dedicados em aprofundar a relação entre arte e vida. Criam publicações, mapas e experiências para provocar uma poesia viva no corpo.

EXPEDIÇÃO 1

das 10h às 14H

Equipamentos

Casa da Imagem e Theatro Municipal

A expedição terá início na Casa da Imagem. O grupo será convidado a participar de uma oficina de cianotipia (processo de revelação fotográfica analógico) com o coletivo PinRolê, a partir da observação das espécies vegetais do jardim. Após a oficina, haverá uma caminhada, até o Theatro Municipal, conduzida pelo coletivo Teatro Dodecafônico, com propostas de mediação e registros artísticos, estimulando diferentes formas de ocupar e fruir a cidade. Como encerramento da expedição, o público será convidado a participar da programação artística do Theatro Municipal.

COM OS COLETIVOS **PINROLÊ**
E **TEATRO DODECAFÔNICO** +
CORO LÍRICO MUNICIPAL

MÁRIO ZACCARO
REGÊNCIA

ELISABETH RATZERSDORF
SOPRANO

KEILA DE MORAES
MEZZO-SOPRANO

MARCOS ARAGONI
PIANO

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)
MAGNIFICAT-ALELUIA (8')
BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 5 (10')
I. ÁRIA: CANTILENA
II. DANÇA: MARTELO

13h30
Theatro Municipal – Escadaria

VAGAS 30

GRATUITO

Inscrições on-line de 25 de janeiro a 7 de fevereiro

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA **LIVRE**

EXPEDIÇÃO 2

das 10h às 14H

Equipamentos

Biblioteca Mário de Andrade
e Theatro Municipal

A expedição terá início na Biblioteca Mário de Andrade. O grupo será convidado a participar de uma oficina de escrita e experimentação gráfica, com a criação de pequenos folhetos com poemas e imagens utilizando processos de impressão alternativos, a partir da exposição de revistas modernistas do acervo da biblioteca, com o coletivo Sorver Versos. Após a oficina, haverá uma caminhada até o Theatro Municipal conduzida pelo Coletivo Teatro Dodecafônico, com propostas de mediação e registros artísticos, estimulando diferentes formas de ocupar e fruir a cidade. Como encerramento da expedição, o público será convidado a participar da programação artística do Theatro Municipal.

COM OS COLETIVOS **SORVER VERSOS**
E **TEATRO DODECAFÔNICO** +
CORO LÍRICO MUNICIPAL

MÁRIO ZACCARO
REGÊNCIA

ELISABETH RATZERSDORF
SOPRANO

KEILA DE MORAES
MEZZO-SOPRANO

MARCOS ARAGONI
PIANO

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)
MAGNIFICAT-ALELUIA (8')
BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 5 (10')
I. ÁRIA: CANTILENA
II. DANÇA: MARTELO

13h30
Theatro Municipal – Escadaria

VAGAS 30

GRATUITO

Inscrições on-line de 25 de janeiro a 7 de fevereiro

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA **LIVRE**

EXPEDIÇÃO 3

Das 13H30 às 17H30

Equipamentos

Casa da Imagem e Theatro Municipal

A expedição terá início na Casa da Imagem. O grupo será convidado a participar de uma oficina de cianotipia (processo de revelação fotográfica analógico) com o coletivo PinRolê, a partir da observação das espécies vegetais do jardim. Após a oficina, haverá uma caminhada até o Theatro Municipal conduzida pelo coletivo Teatro Dodecafônico, com propostas de mediação e registros artísticos, estimulando diferentes formas de ocupar e fruir a cidade. Como encerramento da expedição, o público será convidado a participar da programação artística do Theatro Municipal.

COM OS COLETIVOS **PINROLÊ**
E **TEATRO DODECAFÔNICO** +
QUARTETO DE CORDAS DA CIDADE

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)
QUARTETO DE CORDAS Nº 3

17h
Praça das Artes – Sala do Conservatório

VAGAS 30

GRATUITO

Inscrições on-line de 25 de janeiro a 7 de fevereiro

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA **LIVRE**

EXPEDIÇÃO 4

Das 13H30 às 17H30

Equipamentos

Biblioteca Mário de Andrade
e Theatro Municipal

A expedição terá início na Biblioteca Mário de Andrade. O grupo será convidado a participar de uma oficina de escrita e experimentação gráfica, com a criação de pequenos folhetos com poemas e imagens utilizando processos de impressão alternativos, a partir da exposição de revistas modernistas do acervo da biblioteca, com o coletivo Sorver Versos. Após a oficina, haverá uma caminhada até o Theatro Municipal conduzida pelo coletivo Teatro Dodecafônico, com propostas de mediação e registros artísticos, estimulando diferentes formas de ocupar e fruir a cidade. Como encerramento da expedição, o público será convidado a participar da programação artística do Theatro Municipal.

COM OS COLETIVOS **PINROLÊ**
E **TEATRO DODECAFÔNICO** +
QUARTETO DE CORDAS DA CIDADE

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)
QUARTETO DE CORDAS Nº 3

17h
Praça das Artes – Sala do Conservatório

VAGAS 30

GRATUITO

Inscrições on-line de 25 de janeiro a 7 de fevereiro

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA **LIVRE**

FICHA TÉCNICA

CORO LÍRICO MUNICIPAL

Regente Titular Mário Zaccaro

Regente Assistente Sergio Werneck

Primeiros Sopranos Adriana Magalhães, Berenice Barreira, Caroline De Comi, Elizabeth Ratzersdorf, Graziela Sanchez, Laryssa Alvarazi, Ludmila de Carvalho, Marivone Caetano, Marta Mauler, Rita Marques, Rosana Barakat e Sandra Félix **Segundos Sopranos** Angélica Feital, Antonieta Bastos, Cláudia Neves, Elaine Morais, Elayne Caser, Jacy Guarany, Juliana Starling, Márcia Costa, Milena Tarasiuk e Monique Rodrigues **Mezzo-Sopranos** Ana Carolina Sant'Anna, Carla Campinas, Cláudia Arcos, Heloisa Junqueira, Joyce Tripiciano, Juliana Valadares, Keila de Moraes, Lígia Monteiro, Marilu Figueiredo, Mônica Martins, Robertha Faurý e Zuzu Belmonte **Contraltos** Celeste Moraes, Clarice Rodrigues, Elaine Martorano, Lidia Schäffer, Magda Painno, Mara Alvarenga, Margaret Loureiro, Maria Favoinni e Vera Ritter **Primeiros Tenores** Alexandre Bialecki, Antônio Carlos Britto, Dimas do Carmo, Eduardo Góes, Eduardo Trindade, Luciano Silveira, Mar Oliveira, Marcello Vannucci, Miguel Geraldi, Rubens Medina e Walter Fawcett **Segundos Tenores** Alex Flores, Eduardo Pinho, Fernando de Castro, Gilmar Ayres, Luiz Doné, Paulo Chamié Queiroz, Renato Tenreiro, Rúben de Oliveira, Sérgio Sagica e Valter Estefano **Barítonos** Alessandro Gismanno, Daniel Lee, David Marcondes, Diógenes Gomes, Eduardo Paniza, Guilherme Rosa, Jang Ho Joo, Jessé Vieira, Marcio Marangon, Miguel Csuzlinovics, Roberto Fabel, Sandro Bodilon e Sebastião Teixeira **Baixos** Ary Souza Lima, Cláudio Guimarães, Leonardo Pace, Marcos Carvalho, Orlando Marcos, Rafael Leoni, Rafael Thomas, Rogério Nunes e Sérgio Righini **Pianistas** Marcos Aragoni e Marizilda Hein Ribeiro **Coordenadora** Thais Vieira Gregório **Inspetor** Bruno Farias Campos

QUARTETO DE CORDAS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Violinos Betina Stegmann e Nelson Rios

Viola Marcelo Jaffé

Violoncelo Rafael Cesario



FORTES E VINGATIVOS COMO O JABOTI

12 sábado às 19H

ABERTURA DE PROCESSO
COLABORATIVO DA
BENDITA TRUPE EM
FORMATO DE HAPPENING

DIREÇÃO GERAL
JOHANA ALBUQUERQUE

ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO
FERNANDA ZANCOPE

ASSISTÊNCIA DE
DRAMATURGIA
MURILO FRANCO

COM **CRIS LOZANO, JAIME
BRANCO, JOCA ANDREAZZA,
JOHANA ALBUQUERQUE,
LUCIANO GATTI, MARCELO
VILLAS BOAS, PEDRO
BIRENBAUM, SÉRGIO PARDAL,
SILVIA SUZY, SUZANA RIBEIRO
E VERA BONILHA**

INGRESSOS **GRATUITOS**
Retirada pelo site do Theatro
dois dias antes do evento.

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA **10 ANOS**

DURAÇÃO APROXIMADA
60 MINUTOS

UM PAINEL
LÍTERO-MUSICAL-IMAGÉTICO
EM TORNO DA SEMANA DE 22

TEATRO EM PROCESSO
THEATRO MUNICIPAL – CÚPULA

CONVIDADAS ESPECIAIS
**ÉRICA MUNIZ
E RENATA MELLO**

CENOGRAFIA
JULIO DOJCSAR

ILUMINAÇÃO
ALINE SANTINI

FIGURINOS
SILVANA MARCONDES

DIREÇÃO MUSICAL
E CANÇÕES INÉDITAS
PEDRO BIRENBAUM

COLABORADORES
BOLSISTAS
**BARBARA RODRIGUES, GLEICE KELLE,
JANAÍNA ROSALEN DE PAULA,
JESSICA MARCELE, JULIA TAVARES
BISPO, LUCIANA SILVA, CHRYSTIAN
ROQUE, PATRÍCIA POLZL, PEDRO
COÊNTRO, SÉRGIO PEDALÊRO**

PESQUISA DOCUMENTAL
GÊNESE ANDRADE

DESIGN GRÁFICO
MURILO THAVEIRA

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
E ADMINISTRAÇÃO
ANAYAN MORETTO

PRODUÇÃO EXECUTIVA
MARCELO LEÃO

REALIZAÇÃO
**BENDITA TRUPE E
LEI DE FOMENTO AO TEATRO
PARA A CIDADE DE SÃO PAULO**



Fortes e Vingativos como o Jaboti traz à luz um diálogo com as propostas de renovação dos modernistas por meio de uma amostragem e interação artística com textos, imagens e obras que integraram o evento compondo um ideário atemporal, de artistas modernistas para artistas contemporâneos, de 1922 para 2022. É também um panorama de linguagens, formatos e criadores envolvidos no movimento de 1922, um mural performático em que artistas modernistas e suas linguagens e procedimentos ganham novas luzes a partir de performances em teatro, música, literatura, dança, poesia e artes visuais numa abordagem “litero-musical-imagética” de artistas contemporâneos paulistanos.

Uma conversa performativa sobre materiais selecionados de artistas e teóricos representativos da Semana, privilegiando criações seminais do movimento. Em diálogo com os textos, músicas inspiradas nas obras de compositores e intérpretes que encabeçaram a programação da Semana e daqueles que se inspiraram em seus idealizadores serão interpretadas por músicos e cantores convidados. Em contraponto às atuações ao vivo, projeções lúdicas resgatam o legado material modernista paulistano, indo ao encontro de suas principais obras, sempre em diálogo dramatúrgico com áudios de textos ou músicas pela Bendita Trupe e seus convidados especiais, intervenções artísticas que aludem à contemporaneidade.

O premiado grupo Bendita Trupe, com mais de 20 anos de existência, firmou-se na cidade como um grupo teatral dedicado à pesquisa de espetáculos para o público adulto e infantojuvenil, trabalhando em processo colaborativo em várias vertentes.

SEM NAPOLEÃO. SEM CÉSAR



VILLA TOTAL: PARTE I

12 sábado às 16H30
13 domingo às 16H30

ROBERTO MINCZUK
REGÊNCIA

RAQUEL PAULIN
SOPRANO

ORQUESTRA SINFÔNICA
MUNICIPAL

CONCERTO
THEATRO MUNICIPAL – SALA DE ESPETÁCULOS

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 1 (20')

I. INTRODUÇÃO: EMBOLADA

II. PRELÚDIO: MODINHA

III. FUGA: CONVERSA

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 5 (10')

I. ÁRIA: CANTILENA

II. DANÇA: MARTELO

(INTERVALO)

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 2,

O TRENZINHO DO CAPIRA (21')

I. PRELÚDIO: O CANTO DO CAPADÓCIO

II. ÁRIA: O CANTO DA NOSSA TERRA

III. DANÇA: LEMBRANÇA DO SERTÃO

IV. TOCATA: O TRENZINHO DO CAPIRA

Editora: Casa Ricordi srl, Milano representada
por Melos Ediciones Musicales S.A., Buenos Aires
www.melos.com.ar

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 8 (27')

I. PRELÚDIO

II. ÁRIA: MODINHA

III. TOCATA: CATIRA BATIDA

IV. FUGA

Editora: Editions Durand-Salabert-Eschig
(Universal Music Publishing Group) Paris
representada por Melos Ediciones Musicales S.A.,
Buenos Aires
www.melos.com.ar

MELISSA MAIA
FIGURINO RAQUEL PAULIN

INGRESSOS
R\$10-60

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
LIVRE

DURAÇÃO APROXIMADA
75 MINUTOS

SOBRE O PROGRAMA

Os anos 1920 tinham mudado definitivamente a vida de Heitor Villa-Lobos. No início daquela década, ainda que reconhecido como o principal compositor da sua geração, ele precisava mover mundos e fundos para divulgar suas obras e se firmar como compositor. Em 1922, vem pela primeira vez a São Paulo e sobe ao palco do Theatro Municipal como o único compositor da Semana de Arte Moderna. A música de Villa-Lobos é bem recebida na cidade e a estadia paulista rende frutos profissionais – ele permanece quase um mês em São Paulo após o evento, apresentando-se em concertos.

A participação na Semana é o pontapé final que faltava para que o compositor realizasse seu maior projeto à época: uma viagem à Europa, para que pudesse divulgar suas obras e iniciar uma carreira internacional. Entre 1923 e 24, e entre 1927 e 1930, permanece em Paris, estabelecendo contato com os maiores compositores de seu tempo, editando obras, organizando concertos e compondo, entre outros, um de seus mais importantes ciclos: o dos *Choros*.

De volta ao Brasil, Villa-Lobos imaginava voltar à Europa assim que possível. Enquanto isso, organizava concertos para levantar fundos para a nova viagem. Estava em São Paulo quando compôs a primeira obra daquele que seria outro de seus mais importantes ciclos – e aquele que se tornaria mais popular entre o público: as *Bachianas Brasileiras*. Segundo o compositor, as *Bachianas* são “um gênero de composição musical criado de 1930 a 1945 para homenagear o grande gênio Johann Sebastian Bach” e “em número de nove suítes, são inspiradas no ambiente musical de Bach, considerado pelo autor como fonte folclórica universal, rica e profunda, com todos os materiais sonoros populares de todos os países, intermediária de todos os povos”.

Composta em 1930, as *Bachianas Brasileiras N° 1* foram escritas para orquestra de violoncelos. O instrumento, que fez parte da formação de Villa-Lobos e que ele ainda tocava, é privilegiado ao longo da série. Em três movimentos, as *Bachianas N° 1* se inicia com uma Introdução: Embolada em andamento animado, no qual logo no começo é anunciado o ritmo da embolada. Em seguida, o Prelúdio: Modinha modifica o ambiente, trazendo uma melodia dolente. Finalmente, a Fuga: Conversa mistura o procedimento da fuga barroca às práticas contrapontísticas dos chorões.

Do mesmo ano, porém escrita no Rio de Janeiro, são as *Bachianas Brasileiras N° 2*. O primeiro dos quatro movimentos é um adagio que evoca a figura do capadocio – malandro ou trapaceiro que, dado à música, canta modinhas ao violão. Após seu canto, a Ária abre de forma épica para então seguir com o “canto da nossa terra” na melodia dada ao violoncelo. Cordas e metais fazem o chamamento para a Dança: Lembrança do Sertão, que traz um clima agitado e

nos prepara para a Tocata: O Trenzinho do Caipira no qual, acelerando paulatinamente, viajamos num trem que cruza os interiores do Brasil.

Provavelmente a obra mais célebre do ciclo, as *Bachianas Brasileiras N° 5* têm dois movimentos. O primeiro foi escrito em 1938 sobre texto de Ruth Valadares Correa, que o estreou no ano seguinte. Anos mais tarde, em 1945, Villa-Lobos decidiu incluir um movimento contrastante. Nascia a Dança: Martelo, com texto de Manuel Bandeira, que evoca um tipo de composição poética dos cantadores populares.

Datada de 1944, as *Bachianas Brasileiras N° 8* se assemelham em sua estrutura às de *N° 2*. Após o Prelúdio, uma inspirada melodia faz às vezes da Ária: Modinha. Em andamento vivace, a Toccata: Catira batida procura evocar este gênero de dança tradicional do sul do Brasil. A obra se encerra com uma Fuga.

Camila Fresca

RAQUEL PAULIN

Soprano lírico coloratura, Raquel Paulin fez uma carreira de dez anos em teatro musical. Formada pela Escola Municipal de Música de São Paulo, foi aluna de Walter Chamun, Laura de Souza e Rafael Andrade. Integrou o elenco da Academia de Ópera do Theatro São Pedro, de 2016 a 2018, onde se apresentou como solista sob a regência dos maestros Luiz Fernando Malheiro, André dos Santos e Marco Boemi. Recém-premiada em concursos como o Brasileiro de Canto Maria Callas, Internacional de Canto Linus Lerner e vencedora do Festival Bixiga Canta. Está firmando sua carreira na nova geração de cantores líricos, participando nos últimos dois anos de produções como *Cartas Portuguesas*, de João Guilherme Ripper sob direção de Jorge Takla e regência de Roberto Tibiriçá. Cantou Cecy, em *Il Guarany*, de Carlos Gomes, e Lauretta, em *Gianni Schicchi*, de Puccini, ambas pela Cia Ópera São Paulo, Lucy, em *O Telefone*, de Gian Carlo Menotti, com Julianna Santos e direção musical de Luis Gustavo Petri, e em diversos concertos pelo Brasil. O concerto das *Bachianas Brasileiras N° 5* marca sua estreia no Theatro Municipal de São Paulo.

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lírica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a

estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri; e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Alessandro Sangiorgi o regente assistente da OSM.

ROBERTO MINCZUK REGÊNCIA

Roberto Minczuk fez sua estreia como solista no Theatro Municipal de São Paulo quando tinha apenas 10 anos, como trompista. Aos 13 anos, foi escolhido por Isaac Karabtchevsky como primeiro trompa da Orquestra Sinfônica Municipal e, depois disso, mudou-se para Nova York e se formou na Juilliard School of Music. Como solista, fez sua estreia no Carnegie Hall aos 17 anos. Aos 20, tornou-se membro da Orquestra Gewandhaus de Leipzig, na Alemanha. Como maestro, fez sua estreia internacional à frente da Filarmônica de Nova York, na qual, mais tarde, foi regente associado. Desde então, já regeu mais de cem orquestras internacionais. Foi diretor artístico do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, diretor artístico adjunto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, sendo o primeiro artista a receber o Prêmio ConcertArte, de Ribeirão Preto. Venceu o Grammy Latino e foi indicado ao Grammy Americano com o álbum *Jobim Sinfônico*. Hoje, é maestro titular da Orquestra Sinfônica Municipal, maestro emérito da Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual foi regente titular de 2005 a 2015, e maestro emérito da Orquestra Filarmônica de Calgary, no Canadá. Em 2019, completou 25 anos de carreira.

VILLA TOTAL: PARTE II

12 sábado às 20H

13 domingo às 20H

ROBERTO MINCZUK
REGÊNCIA

SYLVIA THEREZA
PIANO

MATTHEW TAYLOR
FAGOTE

RENAN MENDES
FLAUTA

INGRESSOS
R\$10-60

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
LIVRE

DURAÇÃO APROXIMADA
94 MINUTOS

ORQUESTRA SINFÔNICA
MUNICIPAL
CORAL PAULISTANO

CONCERTO
THEATRO MUNICIPAL – SALA DE ESPETÁCULOS

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 9 (10')
I. PRELÚDIO: VAGAROSO E MÍSTICO
II. FUGA: POCO APRESSADO

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 3 (27')
I. PRELÚDIO: PONTEIO
II. FANTASIA: DEVANEIO
III. ÁRIA: MODINHA
IV. TOCATA: PICAPAU

(INTERVALO)

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 6 (9')

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 4 (22')
I. PRÉLUDE: INTRODUÇÃO
II. CHORAL: CANTO DO SERTÃO
III. ÁRIA: CANTIGA
IV. DANSE: MIUDINHO

Edição Academia Brasileira de Música

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 7 (26')
I. PRELÚDIO: PONTEIO
II. GIGA: QUADRILHA CAIPIRA
III. TOCATA: DESAFIO
IV. FUGA: CONVERSA

Editora: Editions Durand-Salabert-Eschig
(Universal Music Publishing Group)
Paris representada por Melos Ediciones
Musicales S.A., Buenos Aires
www.melos.com.ar

SOBRE O PROGRAMA

Quando retorna ao Brasil em 1930, depois das duas estadias em Paris, Heitor Villa-Lobos já é reconhecido como uma das principais personalidades da música contemporânea. Consagrado, mas ainda precisando lutar para sobreviver, vem a São Paulo realizar uma série de concertos. Logo após a Revolução de 1930, conhece João Alberto, interventor do Estado de São Paulo. Por meio dele, acaba chamado para dirigir um grandioso projeto de educação musical, que ocupará a maior parte de seu tempo e energia entre 1932 e 1945.

Enquanto excursionava pelo interior paulista, Villa-Lobos escrevia transcrições para piano e violoncelo de prelúdios e fugas do *Cravo Bem Temperado*, ao mesmo tempo que compunha novas obras, mais tarde incorporadas às *Bachianas*. Além do canto orfeônico, o principal projeto de Villa-Lobos no período são as *Bachianas Brasileiras*.

Além de se inspirar no universo musical de Bach – o que incluía tanto procedimentos de escrita como citações de melodias –, Villa-Lobos propõe diálogos entre esta tradição e a música brasileira. Assim, em quase todas as *Bachianas*, os movimentos são nomeados primeiros com um título “internacional” – prelúdio, ária, fuga – seguido de seu “correspondente” brasileiro – para as árias, por exemplo, o compositor normalmente reserva o nome de modinha ou cantiga, enquanto as fugas equivalem a uma “conversa”.

Única das obras em que o piano é tratado como solista, as *Bachianas N° 3* possuem quatro movimentos, sendo o primeiro um Prelúdio lento que equivale, segundo o compositor, a um ponteio. A cadência que o finaliza é uma forma de introduzir a Fantasia: Devaneio, movimento em andamento rápido que contrasta com o anterior. A Ária: Modinha se inicia com as madeiras fazendo “um contraponto simples, à maneira de Bach, sobre um tema bem sentimentalmente brasileiro”, segundo Villa-Lobos. Já a Tocata: Pica-pau mescla a forma de uma obra virtuosística para teclado (tocata) com o famoso pássaro que pica o tronco das árvores com seu bico.

Escrita originalmente para piano ainda em 1930 (e com uma versão orquestral de 1941), as *Bachianas Brasileiras N° 4* se iniciam com um prelúdio lento, à maneira de Bach, cuja melodia marcante fez com que se tornasse um dos movimentos mais conhecidos da série. Na sequência, o Coral traz uma melancólica evocação da paisagem brasileira. Já a Ária: Cantiga tem como melodia principal o tema popular nordestino “Ô mana deixa eu ir”. A obra termina com uma dança, o miudinho, desenvolvida através de uma melodia vibrante.

Única peça de música de câmara da série, as *Bachianas N° 6* foram escritas para flauta e fagote em 1938. A flauta desce do extremo agudo num desenho ondulante até iniciar um diálogo contrapontístico com o fagote na Ária.

Já a Fantasia, segundo o compositor, não possui nenhum elemento típico, embora incorpore, em alguns momentos, o tipo de improvisação dos seresteiros.

As *Bachianas Brasileiras N° 7* seguem o esquema das peças de quatro movimentos da série. No Prelúdio, os violinos tocam pizzicatos que, segundo Villa-Lobos, “evocam o contraponto popular dos violões seresteiros”.

A Giga mistura as danças estilizadas da música barroca às quadrilhas populares brasileiras. Já a Tocata intensifica o ambiente festivo do movimento anterior. A obra termina com uma fuga a quatro vozes.

Como uma síntese, o ciclo se encerra com a obra mais curta e cujos contornos melódicos remetem a peças anteriores da série. Em dois movimentos, as *Bachianas brasileiras n° 9* são destinadas tanto a uma orquestra de cordas quanto a uma “orquestra de vozes”. Nas palavras de Villa-Lobos, a obra se relaciona com duas atmosferas musicais: “a de Bach, pelo rigor de seu estilo, apesar da politonia empregada, e a dos ameríndios brasileiros, pela sua singular irregularidade rítmica, seus incidentais acentos dinâmicos e sua melodia transfigurada”.

Camila Fresca

SYLVIA THEREZA

Ao longo de sua trajetória, Sylvia Thereza recebeu a orientação de grandes pianistas e professores como Maria João Pires, Nelson Freire, Bella Davidovich, Myrian Dauelsberg e Maria da Penha. Se apresenta desde os 6 anos como solista, musicista de câmara e recitalista em toda a Europa, Américas, Oriente Médio, Coréia do Sul e Japão. Foi premiada na Edição Martha Argerich do Concurso Internacional de Piano de Vigo, Espanha, em 2009, e no Concurso Nelson Freire, em 2004. Toca regularmente em diversos festivais com renomadas orquestras como a Filarmônica de Bruxelas, as orquestras de câmara do Kremlin, de Hannover, a Juvenil da Filadélfia, além de grandes orquestras do Brasil. Apresenta-se em diversas formações com músicos como Maria João Pires, Augustin Dumay, Misha Taitz e Ning Kam. Na Bélgica, fez mestrado na Universidade de Loaina com Alan Weiss, foi professora na Queen Elisabeth Music Chapel e na Universidade Luca School of Arts, além de ser fundadora da Uaná – Associação para as Artes da Bélgica, ONG que busca proporcionar acesso à cultura para crianças em situação de vulnerabilidade social.

MATTHEW TAYLOR

Matthew Taylor é, desde 2014, fagotista solista da Orquestra Sinfônica Municipal. Formado na Guildhall School of Drama, em Londres, e na classe de Klaus Thunemann na Hochschule für Musik “Hanns Eisler”, em Berlim. Atuou como fagotista solista com orquestras como Philharmonia, Royal Philharmonic, London Philharmonic, English National Opera, BBC National Orchestra of Wales, Hallé Orchestra, Malaysian Philharmonic e Orquestra Sinfônica Brasileira. Foi membro fundador e solista da Hyogo Performing Arts Center Symphony Orchestra, no Japão, de 2005 a 2008. Também foi fagotista solista da Stavanger Symphony Orchestra de 2010 a 2012. Além de suas atividades orquestrais, trabalhou com artistas como Lenine, Toquinho, Yamandu Costa e Paul McCartney.

RENAN MENDES

Flautista solista da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo. Ainda jovem, foi vencedor de importantes concursos nacionais como Prêmio Eleazar de Carvalho e Concurso da Associação Brasileira de Flautistas. Participou, como músico convidado, em prestigiadas orquestras e festivais de música de câmara na França e no Brasil: Orchestre de Paris, Ensemble Intercontemporain, Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, Festival de Musique de Chambre au Château d'Écouen. Renan é formado pelo Conservatório Nacional Superior de Paris e Conservatório à Rayonnement Régional de Paris.

**ORQUESTRA
SINFÔNICA
MUNICIPAL**

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lirica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri; e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Alessandro Sangiorgi o regente assistente da OSM.

**ROBERTO MINCZUK
REGÊNCIA**

Roberto Minczuk fez sua estreia como solista no Theatro Municipal de São Paulo quando tinha apenas 10 anos, como trompista. Aos 13 anos, foi escolhido por Isaac Karabtchevsky como primeiro trompa da Orquestra Sinfônica Municipal e, depois disso, mudou-se para Nova York e se formou na Juilliard School of Music. Como solista, fez sua estreia no Carnegie Hall aos 17 anos. Aos 20, tornou-se membro da Orquestra Gewandhaus de Leipzig, na Alemanha. Como maestro, fez sua estreia internacional à frente da Filarmônica de Nova York, na qual, mais tarde, foi regente associado. Desde então, já regeu mais de cem orquestras internacionais. Foi diretor artístico do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, diretor artístico adjunto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, sendo o primeiro artista a receber o Prêmio ConcertArte, de Ribeirão Preto. Venceu o Grammy Latino e foi indicado ao Grammy Americano com o álbum *Jobim Sinfônico*. Hoje, é maestro titular da Orquestra Sinfônica Municipal, maestro emérito da Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual foi regente titular de 2005 a 2015, e maestro emérito da Orquestra Filarmônica de Calgary, no Canadá. Em 2019, completou 25 anos de carreira.

FICHA TÉCNICA**ORQUESTRA
SINFÔNICA
MUNICIPAL**

Regente Titular Roberto Minczuk

Regente Assistente Alessandro Sangiorgi

Primeiros Violinos Pablo de León (spalla)*, Alejandro Aldana (spalla)*, Martin Tuksa, Adriano Mello, Edgar Leite, Fabian Figueiredo, Fábio Brucoli, Fernando Travassos, Francisco Krug, Heitor Fujinami, Liliana Chiriac, Paulo Calligopoulos e Rafael Bion Loro **Segundos Violinos** Andréa Campos*, Maria Fernanda Krug*, Roberto Faria Lopes, Wellington Rebouças, Alexandre Pinatto de Moura, André Luccas, Djavan Caetano, Evelyn Carmo, Fábio Chamma, Helena Piccazio, John Spindler, Mizaél da Silva Júnior, Oxana Dragos, Renato Marins Yokota, Ricardo Bem-Haja e Ugo Kageyama **Violas** Alexandre de León*, Silvio Catto*, Abrahão Saraiva, Adriana Schincariol, Bruno de Luna, Eduardo Cordeiro, Eric Schafer Licciardi, Jessica Wyatt, Lianna Dugan, Pedro Visockas, Roberta Marcinkowski e Tiago Vieira **Violoncelos** Mauro Brucoli*, Raíff Dantas Barreto*, Mariana Amaral, Moisés Ferreira, Alberto Kanji, Cristina Manescu, Joel de Souza e Teresa Catto **Contrabaixos** Brian Fountain*, Taís Gomes*, Adriano Costa Chaves, Sanderson Cortez Paz, André Teruo, Miguel Dombrowski, Vinicius Frate e Walter Müller **Flautas** Marcelo Barboza*, Renan Mendes*, Andrea Vilella, Cristina Poles e Jean Arthur

Medeiros **Oboés** Alexandre Ficarelli*, Rodrigo Nagamori*, Marcos Mincov e Rodolfo Hatakeyama **Clarinetes** Camila Barrientos Ossio*, Tiago Francisco Naguel*, Diogo Maia Santos, Domingos Elias e Marta Vidigal **Fagotes** Matthew Taylor*, Marcos Fokin*, Facundo Cantero, Marcelo Toni e Renato Perez **Trompas** André Ficarelli*, Thiago Ariel*, Daniel Filho, Eric Gomes da Silva, Rafael Fróes, Rogério Martinez e Vagner Rebouças **Trompetes** Fernando Lopez*, Breno Fleury, Eduardo Madeira e Thiago Araújo **Trombones** Eduardo Machado*, Raphael Campos da Paixão**, Hugo Ksenhuk, Luiz Cruz e Marim Meira **Tuba** Luiz Serralheiro* **Harpas** Jennifer Campbell* e Paola Baron* **Piano** Cecilia Moita* **Percussão** Marcelo Camargo*, César Simão, Magno Bissoli e Thiago Lamattina **Timpanos** Danilo Valle* e Márcia Fernandes* **Coordenadora Administrativa** Mariana Bonzanini **Inspetor** Carlos Nunes **Analista Administrativa** Laysa Padilha de Souza Oliveira **Auxiliar de Escritório** Priscila Campos / *Chefe de naipe **Músico convidado

ALICIA
PRIMA
DOS
NOVE

SINFONIAS FANTÁSTICAS II

13 domingo às 11H

ORQUESTRA EXPERIMENTAL
DE REPERTÓRIO

CONCERTO
THEATRO MUNICIPAL – SALA DE ESPETÁCULOS

JAMIL MALUF
REGÊNCIA

DANIEL MURRAY
VIOLÃO

HEITOR VILLA-LOBOS
CONCERTO PARA VIOLÃO
E ORQUESTRA (20')

RADAMÉS GNATTALLI
SINFONIA POPULAR, N° 1 (25')



INGRESSOS
R\$10-30

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
LIVRE

DURAÇÃO APROXIMADA
45 MINUTOS

SOBRE O PROGRAMA

Villa-Lobos revolucionou a escrita para violão no século XX. Pode-se dizer que é a partir de sua obra que o instrumento ganha de fato um repertório moderno. Destacam-se em sua produção três conjuntos de obras: a *Suíte Popular Brasileira*, cuja elaboração se iniciou ainda antes da década de 1910; os *12 Estudos*, escritos em Paris no final da década de 1920 e dedicados a Andrés Segovia; e os *5 Prelúdios*, de 1940. Nelas, o compositor desenvolve a escrita para o instrumento, explorando e ampliando as possibilidades técnicas e sonoras do violão.

Tal fato não chega a ser surpreendente quando lembramos que o violão, tanto quanto o violoncelo, eram os instrumentos que Villa-Lobos melhor dominava e que fizeram parte de sua trajetória como instrumentista durante muito tempo. A relação do compositor com a música popular por meio do violão fica patente no ciclo dos *Choros*, que se inicia com uma obra para violão solo, o *Choros N° 1*, dedicado a seu amigo Ernesto Nazareth.

Na década de 1950, já consagrado internacionalmente, Villa-Lobos compõe sua última obra para o instrumento: o *Concerto para Violão e Pequena Orquestra*. Intitulou-a inicialmente de *Fantasia Concertante*. Pouco tempo depois, atendendo ao desejo do amigo Andrés Segovia, que queria um concerto para violão, o compositor acrescentou ao final do segundo movimento uma cadência, dando à obra a forma pela qual ela se tornaria conhecida. O *Concerto* foi estreado em 1956 nos Estados Unidos, com Villa-Lobos regendo a Orquestra Sinfônica de Houston e Andrés Segovia como solista. Para muitos autores, a obra representa uma síntese do legado violonístico de Villa-Lobos, na qual ele reúne muitos dos procedimentos técnicos e musicais que desenvolvera nas peças anteriores.

No mesmo ano em que Villa-Lobos estreava seu concerto, o gaúcho Radamés Gnattali finalizava sua *Sinfonia Popular N° 1*. Se Villa-Lobos fundiu elementos da música popular em suas obras, Gnattali foi além e, em muitas delas, diluiu a fronteira entre erudito e popular. Pianista, compositor, arranjador e maestro, deixou tanto obras sinfônicas e camerísticas quanto inúmeros arranjos de música popular para o rádio e a TV.

Depois de se formar em piano, Radamés Gnattali passou a ganhar a vida tocando em cinemas e bailes de Porto Alegre até que, no fim da década de 1920, muda-se para o Rio de Janeiro. Recorrendo a diversos expedientes para sobreviver, toca viola e piano tanto nos teatros quanto na Rádio Clube do Brasil.

Na década de 1930, ao mesmo tempo que passa a apresentar em público suas primeiras composições eruditas, aproxima-se da música popular ao começar a trabalhar como arranjador, além de reger e compor para o teatro musicado. Gnattali ainda seria um prolífico autor de

trilhas sonoras para o cinema. A carreira em rádios, cinema e na televisão faz com que o compositor desista de se tornar um pianista concertista, mas siga compondo, na medida de suas possibilidades, obras eruditas.

A *Sinfonia Popular N° 1* começou a ser escrita em 1955 e é a primeira de uma série de cinco obras. Dentro da estrutura sinfônica clássico-romântica, ele constrói uma obra de climas alternados nos quais introduz diversos temas populares. Assim é que o lírico segundo movimento, com um destacado solo de flauta, é baseado no tema de um pregão baiano chamado *Flor da Noite*. No terceiro, um baião faz as vezes de scherzo e um movimento alegre e gracioso encerra a obra, na qual a inspiração popular se complementa com uma orquestração primorosa. Em 1956, recém-terminada, a *Sinfonia Popular N° 1* recebeu sua estreia mundial no Theatro Municipal de São Paulo.

Camila Fresca

DANIEL MURRAY SOLISTA

Daniel Murray é intérprete e compositor, apresenta-se no Brasil, na América Latina e na Europa desde 1998. O início de sua carreira foi marcado pela conquista, aos 14 anos, do prêmio no Concours International de Guitare de Tredrez-Locquémeau, na França. Sua discografia é formada por 14 álbuns, seis dos quais dedicados ao violão solo. Entre eles estão *Universo Musical de Egberto Gismonti* (Carmo/ECM) e *Sombranágua – Septeto Autoral* (premiado no Global Music Awards nas categorias Melhor Álbum e Melhor Compositor). Realizou turnês internacionais na Inglaterra, na Grécia, na Áustria, na Alemanha, em Israel e na França. Na Dinamarca, apresentou-se no Royal Danish Conservatory of Music, além de ter realizado uma série de concertos didáticos através da LMS – Levende Musik i Skolen e de ter gravado o álbum *Brazilian Landscapes* (Our Recordings / Naxos), com o qual conquistou a medalha de prata no Global Music Award. Em 2015, foi indicado ao Prêmio Concerto por sua atuação como solista; em 2016, sua composição *Canção e Dança* lhe rendeu o primeiro lugar no Concurso Novas III e, em 2018, recebeu o prêmio de destaque no Festival de Música Contemporânea Brasileira por sua performance em homenagem a Egberto Gismonti.

ORQUESTRA EXPERIMENTAL DE REPERTÓRIO

A Orquestra Experimental de Repertório (OER) foi criada em 1990, a partir de um projeto do maestro Jamil Maluf, e oficializada pela Lei 11.227, de 1992. A OER tem por objetivos a formação de profissionais de orquestra da mais alta qualidade, a difusão de um repertório abrangente e diversificado, que mostre o extenso alcance da arte sinfônica, bem como a formação de plateias. Entre os vários reconhecimentos que recebeu estão os prêmios Carlos Gomes, como destaque de música erudita de 2012, e APCA, de Melhor Produção de Ópera de 2017. A orquestra tem, atualmente, o maestro Jamil Maluf como regente titular e Thiago Tavares como assistente.

JAMIL MALUF REGÊNCIA

Jamil Maluf graduou-se em regência orquestral pela Escola Superior de Música, em Detmoldi, na Alemanha. Durante sua permanência na Europa, atuou como regente convidado de diversas orquestras e participou dos Seminários Internacionais para Regentes, em Trier, com o maestro Sergiu Celibidache. Foi diretor artístico e regente titular da Orquestra Sinfônica Jovem Municipal e, em 1990, criou a Orquestra Experimental de Repertório, que conduz com grande sucesso. Por cinco vezes foi distinguido com o Prêmio APCA de Melhor Regente de Orquestra. Recebeu, também, o Prêmio Carlos Gomes de Melhor Regente de Ópera e o Prêmio Maestro Eleazar de Carvalho de Personalidade Musical do Ano, concedido pelo governo do estado de São Paulo, entre outros. De 1987 a 1992, apresentou o programa de música clássica *Primeiro Movimento* na TV Cultura. De 2005 a 2009, foi diretor artístico do Theatro Municipal de São Paulo. Em 2015, assumiu também o posto de regente titular e diretor artístico da Orquestra Sinfônica de Piracicaba.

DA EQUAÇÃO
EU PARTE DO
COSMOS AD
AXIOMA
COSMOS
PARTE DO EU

INFÂNCIA

13 domingo 19H

CONCEPÇÃO, DIREÇÃO
E INTERPRETAÇÃO
NEY PIACENTINI (ATOR)
E **ALEXANDRE ROSA**
(MÚSICO)

FOTOS E VÍDEO
JOÃO MARIA

DESIGN GRÁFICO
PAULO FÁVARI

ASSISTÊNCIA
ELIS MARTINS

GRATUITO

Entrada livre. Retirada pelo site do
Theatro dois dias antes do evento.

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA **LIVRE**

DURAÇÃO APROXIMADA
60 MINUTOS

TEATRO EM PROCESSO
THEATRO MUNICIPAL – CÚPULA

EPISÓDIOS DA VIDA DE GRACILIANO
RAMOS EM SUA MENINICE, RELATADOS
EM SUA FASE MADURA.

ABERTURA DE PROCESSO DE
CRIAÇÃO SEGUIDO DE BATE-PAPO
COM O PÚBLICO.

Infância é uma das principais obras de Graciliano Ramos, autor referencial da geração de 1930, movimento que dialoga diretamente com a Semana de Arte Moderna de 1922. Trata-se da narrativa do autor já maduro, relatando os episódios de sua meninice e os primeiros e difíceis passos para se aproximar da alfabetização, dos livros e da literatura. Escrito de forma sucinta e econômica, o livro é um primor artístico no uso das palavras e expressões tanto regionais (do Nordeste) como universais. A proposta cênica-musical-literária contará com o ator Ney Piacentini (doutor pela USP e pós-doutorado pela Unesp) e Alexandre Rosa (doutor em música e integrante da Osesp). Além da premiada iluminadora Aline Santini, entre outros na equipe do projeto.

“[...] Quando saiu o livro *Infância* - Graciliano Ramos me mandou com uma dedicatória. Realmente a minha impressão foi de alto deslumbramento.” (Antonio Candido)

Com sua forma de recital, *Infância* conta com instrumentos acústicos para uma orquestra de câmara: contrabaixo, violino, shruti box, harmônio de fole, violão e viola. Por meio da narratividade bem-humorada e ao mesmo tempo sóbria, como pede o texto, o clima é de uma apresentação intimista.



A SEMANA DE 22 E A MÚSICA

14 segunda às 16H

MESA-REDONDA
THEATRO MUNICIPAL – SALÃO NOBRE

COM **LÍVIO
TRAGTENBERG,
MARCELO JAFFÉ
E CAMILA FRESCA**

MEDIAÇÃO
CACÁ MACHADO

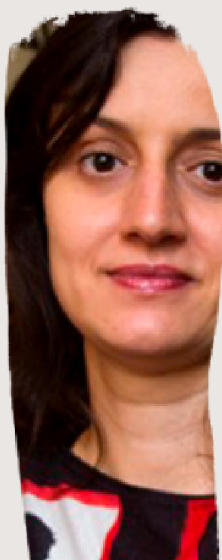
Lívio Tragtenberg escreve música para teatro, vídeo, cinema, dança, dança-teatro e instalações sonoras. Seu catálogo inclui várias obras instrumentais, sinfônicas, eletroacústicas e ópera. É autor de diversos livros, entre eles *O que se ouviu e o que não se ouviu na Semana de 22*.

Marcelo Jaffé é violista do Quarteto da Cidade, do Theatro Municipal. Atuou como maestro da Kamerata Philharmonia e foi diretor artístico da Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo. É professor da Escola de Música da ECA-USP.

Camila Fresca é jornalista e doutora e mestre em artes e musicologia pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atua como jornalista, curadora e pesquisadora especializada em música clássica.

Cacá Machado é cantor, compositor, instrumentista e violonista de música popular brasileira. É também historiador e produtor musical. É professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA **LIVRE**
DURAÇÃO APROXIMADA
120 MINUTOS



SARAU NOVOS 22

14 segunda às 19H

SARAU
THEATRO MUNICIPAL – SALA DE ESPETÁCULOS

RAPPIN' HOOD
MESTRE DE CERIMÔNIA
COM **CLARIANAS,**
SARAU DAS PRETAS
E **SARAU DO BINHO**

Dentro das comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna, o palco do Theatro Municipal será espaço de encontro de coletivos de sarau da cidade de São Paulo, com apresentação de Rappin' Hood.



GRATUITO (entrada livre)

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
LIVRE

DURAÇÃO APROXIMADA
90 MINUTOS



MODERNISMO: CONTRADIÇÕES, TRANSGRESSÕES E CONTINUIDADES

15 terça às 16H

COM **GLAUCEA
HELENA DE BRITTO,
JULIE DORRICO
E VICTOR PALOMO**

MEDIAÇÃO
**GUILHERME
LOPES VIEIRA**

MESA-REDONDA
THEATRO MUNICIPAL – SALÃO NOBRE

Glauceia Helena de Britto é curadora assistente do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), mestrandia em artes pela Universidade de São Paulo (PGEHA- USP) e possui certificado em Estudos Afro-Latino-Americanos pela Universidade de Harvard.

Julie Dorrico é doutora em teoria da literatura, especialista em literatura indígena, autora da obra *Eu Sou Macuxi e Outras Histórias*.

Victor Palomo é psiquiatra e analista junguiano, doutor em letras, autor de *Pauliceia Desvairada* e *a Alma da Cidade*.

Guilherme Lopes Vieira é historiador, documentalista do acervo do Theatro Municipal de São Paulo, mestre em história e autor de *Casa Guilherme de Almeida*, *a Fabricação de um Museu-Casa*.

A Semana de Arte Moderna de 1922 é assimilada, frequentemente, pela tradição acadêmica como o epicentro que trouxe à tona as transformações provenientes da modernidade na sociedade paulistana, do início do século XX. O encontro *Modernismo: Contradições, Transgressões e Continuidades* se propõe a discutir esse cânone, considerando as presenças e ausências, apresentando, desse modo, principalmente os invisibilizados, omitidos e eleitos.

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA **LIVRE**
DURAÇÃO APROXIMADA
120 MINUTOS



ESTA NOITE SE IMPROVISA!

15 terça às 19H

MAX B.O.
MESTRE DE CERIMÔNIA

NUTS
DJ

SHOW
PRAÇA DAS ARTES – VÃO LIVRE

PALCO ABERTO PARA A PARTICIPAÇÃO DE VÁRIAS LINGUAGENS COMO DANÇA, TEATRO, POESIA E DISCOTECAGEM.

O conceito de improviso, em que o artista encontra uma estrutura para mostrar seu talento, como um desafio de “entrar na roda”, próprio da cultura hip-hop, se expande para diferentes estilos e linguagens artísticas.

O **MC Max B.O.**, ex-apresentador do programa Manos e Minas e uma das maiores referências em freestyle do Brasil, irá interagir na praça com os artistas presentes, convidando-os à arte do improviso.

A inscrição de artistas que queiram participar é feita pelo site do Theatro Municipal.

GRATUITO (entrada livre)

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
LIVRE

DURAÇÃO APROXIMADA
90 MINUTOS



VESTÍGIOS DA SEMANA DE 22 NO ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

16 quarta das 16H às 18H

COM
ANITA LAZARIM,
IGOR VICENTE
E **DANIELA TORRES**

MESA-REDONDA
THEATRO MUNICIPAL – SALÃO NOBRE

A atividade apresenta ao público a primeira publicação do **Núcleo de Acervo e Pesquisa do Teatro Municipal**.

O *Índice de fontes: vestígios da Semana de 22* reúne documentos que registram as diferentes celebrações da Semana de Arte Moderna no TMSP ao longo dos últimos cem anos. É resultado de uma densa pesquisa nos acervos do Municipal, que destaca, sobretudo, programas de espetáculo, mas também trajes, fotografias e outros documentos textuais. Na mesa de lançamento, além da publicação digital ser apresentada, os convidados irão explorar questões presentes na documentação e discutir o legado da Semana na memória do TMSP.

GRATUITO (entrada livre)

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA **LIVRE**

DURAÇÃO APROXIMADA
120 MINUTOS

SEMANA DE 22: IDENTIDADE BRASILEIRA

16 quarta às 19H
17 quinta às 19H

QUARTETO DE
CORDAS DA CIDADE
DE SÃO PAULO

CONCERTO
PRAÇA DAS ARTES –
SALA DO CONSERVATÓRIO



INGRESSOS
R\$30

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA **LIVRE**

DURAÇÃO APROXIMADA
60 MINUTOS

SOBRE O PROGRAMA

A Semana de 22 ainda não acabou. Aliás, ela provavelmente tenha começado em 1822, ou talvez até em 1500. O fato é que a discussão sobre a identidade do Brasil ou, melhor ainda, a identidade cultural dos brasileiros, ainda não tem uma conclusão.

Mário de Andrade é uma das peças-chave nessa discussão, especialmente para nós do Quarteto da Cidade, outra de suas crias: música de câmara para os paulistanos. Naquela semana, a presença de Villa-Lobos foi marcada com o seu *Quarteto N° 3*, o das Pipocas – que, é claro, vamos apresentar com toda a modernidade importada da França que caracterizou a sua primeira fase composicional –, mas as ausências também estiveram presentes. Chiquinha Gonzaga, que não tinha nem preconceitos nem amarras, já era moderna no século XIX. Sua música já incorporava toda e qualquer influência desse caldo interessantíssimo que viríamos a descobrir que é o nosso. A ponte entre o tal do erudito e o popular, foi ela uma das que construíram, como nos mostra Silvia Goes em sua rica *Suíte*. E, como disse, a Semana não acabou. Moderno, modernista, modernismo, termos que não fariam sentido em nosso país se não encontrassem as tradições, ou contradições, em se tratando da nossa organização sociocultural. É nesse momento que entram em cena os “novos modernistas” e suas pesquisas sobre regionalismos, folclorismos e nacionalismo. Do interior de São Paulo, a rica e violeira Piracicaba é apresentada em *Seresta*, por Eunice Katunda.

Marcelo Jaffé

FICHA TÉCNICA

QUARTETO DE CORDAS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Violinos Betina Stegmann e Nelson Rios

Viola Marcelo Jaffé

Violoncelo Rafael Cesario

QUARTETO DA CIDADE

O Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo foi fundado em 1935 com a ideia de difundir a música de câmara e estimular compositores brasileiros. É um grupo artístico fixo do Teatro Municipal de São Paulo. A atual formação conta com os violinistas Betina Stegmann e Nelson Rios, o violista Marcelo Jaffé e o violoncelista Rafael Cesario, músicos de intensa atividade no cenário musical brasileiro e de prestígio internacional. Já foi laureado com os prêmios Carlos Gomes de Melhor Conjunto de Câmara em 2003, 2011 e 2012 e APCA de Melhor Conjunto Camerístico em 2003, 2011 e 2012.



MUYRAKYTĀ E ISSO DÁ UM BAILE!

16 quarta, 17 quinta e 18 sexta às 20H
19 sábado e 20 domingo às 17H
23 quarta, 24 quinta e 25 sexta às 20H
26 sábado e 27 domingo às 17H

Corpos desejados como um talismã. Sedução. Ginga. Corpos paridos na respiração da cuica, no grito agudo da corda que puxa um e que chama outra. Palavras que (im)põem ritmo, movimentam pensamentos e corpos. Corpos de sempre renovados, com outras existências compartilhando a cena. Esparramados ocupam. São da casa. São das ruas. Parecem outros. Renascem ao som de batuques. Movem-se. Movem. Suas vidas “por um fio” se enlaçam no cordão de palavras entoado por uma mais velha. A rima da infância comove; move: “Como poderei viver? Como poderei viver?” Os corpos se recusam a tombar. Arrastam-se. Envolvem. Curam-se. Resistem. Num balé solitário ensaiam a marcha coletiva. Olhares em chamas ardem ao som da pergunta agônica: “Como poderei viver? Como poderei viver?”. O coreógrafo Allan Falieri, bailarinos e a equipe do Balé da Cidade de São Paulo se lançam na busca por respostas. E com crítica, liberdade, saltos, saudações, vibrações, música e poesia. Experimentam. Dançam. E dançam muito.

Bel Santos-Mayer

BALÉ DA CIDADE
DE SÃO PAULO

ESPETÁCULO
THEATRO MUNICIPAL –
SALA DE ESPETÁCULOS

Isso Dá um Baile tem como inspiração um estilo de dança que surgiu de forma bem espontânea nos bailes funks da periferia da cidade do Rio de Janeiro, ainda neste século, chamado de “passinho” – uma mistura de vários passos de funk, hip-hop, break, kuduro, popping, samba, forró, frevo e ritmos do recôncavo baiano.

A coreografia trata de um grande baile! Um momento em que todo o elenco vai chegando, trazendo suas histórias e seus desejos e estabelecendo um grande encontro – por que não? – num grande reencontro de dança, reencontro com sensações de liberdade e “empoderamento” nos movimentos e coreografias. Numa quase brincadeira de vontades e desejos. Um momento positivo e leve em que a dança, estimulada pelo estilo “passinho”, se expressa na sua totalidade.

Henrique Rodovalho

INGRESSOS
R\$10-80

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA **LIVRE**

DURAÇÃO APROXIMADA
70 MINUTOS

MUYRAKYTĀ

(ESTREIA)

ALLAN FALIERI
CONCEPÇÃO
E COREOGRAFIA

BETO VILLARES
E **MBÉ**
MÚSICA ORIGINAL

BETO VILLARES
E **ALLAN FALIERI**
DIREÇÃO MUSICAL

DONA ONETE
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

RYANE LEÃO
POESIA

PAULINHO BICOLOR
E **ÉRICO THEOBALDO**
COLABORADORES

FABIANA NUNES
DRAMATURGIA

ALEXANDRE
DOS ANJOS
FIGURINO

ANDRÉ BOLL
DESENHO DE LUZ

CAROLINA FRANCO
E **ROBERTA BOTTA**
ENSAIADORAS

IRUPÉ SARMIENTO
E **PRETA KIRAN**
PREPARAÇÃO
DE ELENCO

SOBRE O PROGRAMA

QUE MISTURA É ESSA?

Muyrakytā é a estreia mundial do Balé da Cidade neste 2022, exatos cem anos após o Theatro Municipal de São Paulo abrigar a Semana de Arte Moderna. Mas, se o espírito de contestação dos modernistas permeia a obra, a coreografia de Allan Falieri está longe de se enquadrar nos limites dos eventos comemorativos.

“Quando recebi o convite para criar algo para as comemorações da Semana de Arte Moderna de 22, a palavra ‘celebrar’ me incomodou. Celebrar como e o quê na atual conjuntura, com essa pandemia e tudo o que está acontecendo no Brasil hoje?”, questionou-se o coreógrafo Allan Falieri, criador da obra.

Questionar – ideias ou padrões estéticos preconcebidos – é um bom começo para uma criação e, afinal, foi também o que moveu os modernistas, como move os contemporâneos ou os artistas de todas as épocas.

A dança surgida dos questionamentos do coreógrafo e dos dançarinos do Balé da Cidade mistura o passado e futuro no que têm em comum aqui e agora. *Muyrakytā* faz parte dessa linhagem tão atual quanto ancestral de obras em busca de nossa(s) identidade(s). Sem fantasias de miscigenação e com o foco em outras identidades que ficaram meio de fora da festa modernista.

A dança surge como uma força estranha, um muiraquitã – talismã trazido do fundo das águas, barro e pedra transformados pela mãe do mato (Ci, em *Macunaíma*, de Mário de Andrade). Surge de atritos e encontros: identitários, corporais, sonoros.

Na trilha criada por Beto Villares o tom é igualmente de fricção e misturas. Foi criada junto com o músico Luan Correia. Uma criação coletiva, conta Villares, na qual diferentes vozes atravessam uma paisagem sonora densa como uma floresta. Canções do folclore brasileiro, como as pesquisadas por Mário de Andrade, na voz de Dona Onete, e os poemas-manifestos de Ryane Leão que remetem aos slams, transformados em movimentos pelos corpos dos bailarinos, macunaímas em busca de seus/nossos talismãs: o mistério ancestral, futuro e sempre presente do singular feito plural (“é nós!”) nessa dança para, nas palavras de Falieri, “exaltar a singularidade da multiplicidade da nossa gente”. *Muyrakytā*.

No jogo de múltiplos e contrastes, também há espaço para a celebração explícita neste primeiro programa do ano do Balé da Cidade. *Isso Dá um Baile*, criação de Henrique Rodovalho que estreou no final de 2021 na Praça das Artes, é agora apresentado em palco tradicional.

Isso Dá um Baile se move no espaço dos desejos: de se juntar, de festejar, de se manifestar. De criar junto e beber em outras fontes: da trilha do Heavy Baile e dos vídeos

ISSO DÁ UM BAILE!

SOLOS E BONDE

HENRIQUE RODOVALHO
COREOGRAFIA
E DESENHO DE LUZ

HEAVY BAILE,
LEO JUSTI
E **THEO ZAGRAE**
TRILHA SONORA

CAUÃ CSIK
VÍDEO

MANGOLAB
PRODUÇÃO EXECUTIVA
DO VÍDEO

CÁSSIO BRASIL
FIGURINO

ROBERTA BOTTA
ENSAIADORA

CELLY IDD
E **NEGUEBITES**
CONSULTORIA

INTÉRPRETES-CRIADORES

SOLOS

ANA BEATRIZ NUNES, ARIANY DÂMASO, BRUNO GREGÓRIO, CAMILA RIBEIRO, GRÉCIA CATARINA, JESSICA FADUL, LEONARDO SILVEIRA, LUIZ OLIVEIRA, MARCEL ANSELMÉ E UÁTILA COUTINHO

BONDE

ALYNE MACH, BRUNO RODRIGUES, FABIANA IKEHARA, HARRISON GAVLAR, ISABELA MAYLART, LEONARDO MUNIZ, LUIZ CREPALDI, MÁRCIO FILHO, MARINA GIUNTI, RENATA BARDAZZI, VICTOR HUGO VILA NOVA, VICTORIA OGGIAM E YASSER DÍAZ

do Mango Lab aos passos criados pelos bailarinos com consultoria de Celly I.D.D e Jonathan Neguebitos. Uma aventura coletiva trazendo outras linguagens ao palco do Theatro, que acaba de completar 110 anos, é promessa e convite irresistível ao baile.

A coreografia inspirada pelos bailes funk e pelo passinho foi concebida para espaços públicos e abertos – a estreia, em outubro de 2021, foi na Praça das Artes. “A dança e a música são muito contagiantes, a ideia é o público poder se misturar e dançar junto”, diz Rodovalho. A mistura é também essa.

Iara Biderman

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

O Balé da Cidade de São Paulo foi criado em 7 de fevereiro de 1968 com o nome de Corpo de Baile Municipal. Inicialmente com a proposta de acompanhar as óperas do Theatro Municipal e se apresentar com repertório clássico, teve Johnny Franklin como seu primeiro diretor artístico. Em 1974, sob a direção de Antônio Carlos Cardoso, assumiu o perfil de contemporâneo, que mantém até hoje. Em todos esses anos, se definiu como um celeiro de novos vocábulos de dança, inovação de movimento e criação de novas expressões artísticas. A carreira internacional da companhia teve início com a participação na Bienal de Dança de Lyon, na França, em 1996. A longevidade do Balé da Cidade de São Paulo, o rigor e o padrão técnico do elenco e da equipe artística atraem os mais importantes coreógrafos brasileiros e internacionais, interessados em criar obras para o grupo.

CASSI ABRANCHES DIRETORA ARTÍSTICA BCSP

Cassi Abranches iniciou seus estudos na Escola Municipal de Bailados de São Paulo. Integrou o Grupo Corpo entre 2001 e 2013, além de se apresentar ao lado de importantes companhias brasileiras, como os balés do Teatro Castro Alves, em Salvador; do Teatro Guairá, em Curitiba; e a Raça Cia de Dança, em São Paulo. Desde 2013, deixou os palcos para se dedicar à sua atuação como coreógrafa. Foi diretora de movimento e coreografia na cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Nos últimos anos, trabalhou com grupos como a São Paulo Companhia de Dança, cuja parceria rendeu frutos como *Agora*, de 2019, que recebeu o prêmio de Melhor Coreografia da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), e os espetáculos *Respiro* (2020) e *GEN* (2014). Com o Grupo Corpo, coreografou o espetáculo *Suíte Branca*, em 2015, além de trabalhar com a Cia Sesc de Dança de Belo Horizonte, a Cia Jovem Bolshoi Brasil e o Balé Jovem Palácio das Artes BH. No cinema, coreografou o episódio *Pas de Deux*, do filme *Rio Eu Te Amo*, dirigido por Carlos Saldanha com participação de Rodrigo Santoro e Bruna Linzmeyer.

FICHA TÉCNICA

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

Diretora Artística Cassi Abranches

Diretora Artística Assistente Patrícia Galvão

Coordenador Artístico Raymundo Costa

Ensaíadoras Carolina Franco e Roberta Botta

Maitre de Ballet Liliane Benevento

Professor de Balé Clássico Gustavo Lopes

Professor de Yoga Stella Crippa

Pianista Beatriz Francini

Bailarinos Alyne Mach, Ana Beatriz Nunes, Antônio Carvalho Jr., Ariany Dâmaso, Bruno Gregório, Bruno Rodrigues, Camila Ribeiro, Carolina Martinelli, Cleber Fantinatti, Erika Ishimaru, Fabiana Ikehara, Fabio Pinheiro, Fernanda Bueno, Grecia Catarina, Harrison Gavlar, Isabela Maylart, Jessica Fadul, Leonardo Hoehne Polato, Leonardo Muniz, Leonardo Silveira, Luiz Crepaldi, Luiz Oliveira, Manuel Gomes, Marcel Anselmé, Márcio Filho, Marina Giunti, Marisa Bucoff, Rebeca Ferreira, Renata Bardazzi, Renée Weinstrof, Uátilla Coutinho, Victor Hugo Vila Nova, Victoria Oggiam e Yasser Díaz

Secretária Doralice de Queiróz

Auxiliar Administrativa Fabiana Vieira Rezende

Fisioterapia Reactive

CONTRA
TODOS OS
IMPORTADORES
DE
CONSCIÊNCIA
ENLATADA

TOMBANDO 22 - THEATRO MUNICIPAL, PALCO DA SEMANA DE ARTE MODERNA E PATRIMÔNIO CULTURAL

17 quinta das 16H às 18H

MESA-REDONDA
THEATRO MUNICIPAL – SALÃO NOBRE

COM
PAULO GARCEZ
E **DEBORAH NEVES**

MEDIAÇÃO
RAFAEL ARAÚJO

Para sediar a Semana de Arte Moderna de 1922, foi escolhido como palco o Theatro Municipal de São Paulo. A mensagem que o grupo de intelectuais queria passar era nítida: criticar os valores estéticos importados da Europa em prol de uma valorização da cultura nacional. Os desdobramentos do movimento logo puderam ser percebidos quando, na década de 1930, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) para preservar os monumentos representativos da história oficial do Brasil. Através das práticas preservacionistas, foram eleitos o moderno e o barroco como vanguardas estéticas no campo da arquitetura. Excluíam-se desse rol o ecletismo do qual o Theatro Municipal constitui um grande exemplar. A virada, nesse sentido, ocorreu nas décadas de 1980 e 1990, quando o Municipal foi objeto de tombamento nos três órgãos de preservação do patrimônio de São Paulo: Condephaat, Conpresp e Iphan. Nesse sentido, nossa proposta é debater os valores usados como justificativa para o tombamento do Theatro: qual é o papel da Semana de 1922 como argumento para a tutela preservacionista do Estado? Ao enfatizar a valorização da estética neoclássica no processo de tombamento, não estariam os técnicos do patrimônio dialogando com o pensamento que os modernistas da Semana de 1922 ousaram criticar? Quais as questões poderão ser suscitadas do movimento cíclico que coloca a Semana de 1922 como gênese e justificativa para práticas preservacionistas, tendo o Theatro Municipal como objeto? A atividade propõe o diálogo com os processos de tombamento do Theatro Municipal e o seu próprio edifício enquanto documentos, à luz da Semana de Arte Moderna de 1922.

GRATUITO (entrada livre)

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA **LIVRE**

DURAÇÃO APROXIMADA
120 MINUTOS

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Prefeito Ricardo Nunes

Secretária Municipal de Cultura Aline Torres

Secretária Adjunta Antonia Soares André de Souza

Chefe de Gabinete Danillo Nunes

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Diretor Geral Interino Danillo Nunes

Direção Artística Bruno Imparato

Direção de Formação Ruby Vásquez Núñez

Produção Executiva Gisa Gabriel

CONSELHO ADMINISTRATIVO SUSTENIDOS

André Isnard Leonardi (presidente), Claudia Ciarrocchi, Eduardo Saron, Gildemar Oliveira, Leonardo Matrone, Magda Pucci, Monica Rosenberg e Wellington do C. M. de Araújo

CONSELHO CONSULTIVO SUSTENIDOS

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilhelm, Benjamin Taubkin, Carlos Henrique Freitas de Oliveira, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Gabriel Whitaker, Lia Rosenberg, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (*in memoriam*) e Paula Raccanello Storto

CONSELHO FISCAL SUSTENIDOS

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno

EQUIPE SUSTENIDOS (THEATRO MUNICIPAL)

Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa

Diretor Administrativo Financeiro Renato Musa dos Santos

Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas

Gerente de Desenvolvimento de Pessoas

Camila Rodrigues Harada

Superintendente de Desenvolvimento Institucional e Marketing Heloisa Garcia da Mota

Controller Leandro Mariano Barreto

Contador Luis Carlos Trento

Comprador Paulo Henrique Rissieri

Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emidio Pereira

Gerente de Administração de Pessoal

Valter Miranda dos Santos

**COMPLEXO
THEATRO MUNICIPAL
DE SÃO PAULO**

Diretora Geral Andrea Caruso Saturnino

Secretária Executiva

Valeria Kurji

Gerente Geral de Operações e Finanças

Eduardo Augusto Sena

Coordenadora de Programação Elisa Maria Americano Saintive **Equipe**

de Programação Camila Honorato Moreira de Almeida e Eduardo

Dias Santana **Gerente da Musicoteca** Maria Elisa Pasqualini (Milly)

Equipe da Musicoteca Cassio Mendes Antas, Diego Scarpino Pacioni,

Felipe Faglioni, Jonas Ribeiro, Lucas de Lima Coelho, Milton Tadashi

Nakamoto, Roberto Dorigatti, Rodrigo Padovan Grassmann Ferreira e

Thiago Ribeiro Francisco **Pianista Correpetidor** Anderson Brenner

Gerente de Produção Regiane Miciano

Equipe de Produção Felipe Costa, Fernanda Cristina Pereira Camara,

Jonathan Boettcher de Paula, Luiz Alex Tasso, Maira Scarello, Mariana

Perin, Marina da Costa Jurado, Nathália Costa, Rodrigo Correa da Silva,

Rosa Casalli, Rosana Taketomi, Rosangela Reis Longhi e Suzana Santos

Barbosa Grem

Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana Lucia Lopes

Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva **Supervisora**

de Ações de Articulação e Extensão Carla Jacy Lopes **Equipe de**

Educação Igor Antunes Silva, Leandro Mendes da Silva, Luciana de

Souza Bernardo, Luiz Augusto Soares Pereira da Silva, Mateus Masakichi

Yamaguchi e Renata Raissa Pirra Garducci **Coordenador de Acervo**

e Pesquisa Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe de Acervo e**

Pesquisa Alexandre Ferreira Xavier, Anita de Souza Lazarim, Guilherme

Lopes Vieira e Rafael de Araujo Oliveira

Diretor Técnico de Palco Sérgio Ferreira

Coordenador de Palco Gabriel Barone Ramos **Equipe Técnica e**

Administrativa de Palco Adalberto Alves de Souza, Diogo de Paula

Ribeiro, Helen Ferla Lopes, Jonas Pereira Soares, Jose Hilton de Oliveira

Junior, Luiz Carlos Lemes e Sônia Ruberti **Gestor de Cenotécnica** Anibal

Marques (Pelé) **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo

Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário**

Alex Sandro Nunes Pinheiro, Bruno Vieira Dias, Edilson da Silva Quina,

Ermelindo Terribele Sobrinho, Everton Davida Candido, Igor Mota Paula,

Ivaldo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição, Manuel Lucas de

Sousa Conceição, Odilon dos Santos Motta, Paulo Henrique São Bento,

Paulo Mafrense de Sousa e Ronaldo Batista dos Santos **Equipe de**

Contrarregragem Alessandro de Oliveira Rodrigues, Amanda Tolentino

de Araújo, Edival Dias, Matheus Alves Tomé, Sandra Satomi Yamamoto,

Sérgio Augusto de Souza e Vitor Siqueira Pedro **Montadores** Alexandre

Gregarynck, Ivo Barreto de Souza, Nizinho Deivid Zopelaro, Pedro Paulo

Barreto, Rafael de Sá de Nardi Veloso e Renato de Freitas Pereira

Sonorização André Moro Silva, André Vitor de Andrade, Daniel Botelho,

Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin, Leandro dos Santos

Lima e Robson de Moura Barros **Equipe de Iluminação** André de Oliveira

Mutton, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor

Augusto Ferreira de Oliveira, Olavo Cadorini Cardoso, Sibila Gomes dos

Santos, Stella Politti, Sueli Matsuzaki, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da

Silva Nunes e Wellington Cardoso Silva

Coordenadora de Figurino Eunice Baía **Equipe de Figurino** Maria de

Fátima, Suely Guimarães e Walamis Santos **Camareiras** Antônia Cardoso

Fonseca, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria

Auxiliadora, Maria Gabriel Martins e Regiane Bierrenbach **Costureiras**

Alzira Campiolo, Geralda Cristina França da Conceição e Isabel Rodrigues

Martins

Coordenadora de Comunicação Elisabete Machado Soares dos

Santos **Equipe de Comunicação** Beatriz de Castro Ramos, Estevan

Pelli, Gustavo Quevedo Ramos, Isabela Fantini Guasco, Larissa Lima

da Paz, Luis Henrique Santos de Souza e Stig de Lavor **Gerente**

de Planejamento e Monitoramento Ana Paula Godoy **Equipe de**

Planejamento e Monitoramento Debora da Silva Monteiro, Douglas

Herval Ponso e Milena Lorana da Cruz Santos **Coordenadora de**

Captação de Recursos Carolina Wakiyama Bittar **Captação de**

Recursos Esdras dos Santos Silva e Mariana Rojas Duailibi

Gerente de Infraestrutura e Patrimônio Eduardo Spinazzola **Equipe**

de Infraestrutura e Patrimônio Bárbara Morais Affonso, Carolina

Ricardo, Fernanda do Val Amorim, Isabelle Zanon, João Pedro de Goes

Moura, Jonathas Rodrigues de Oliveira, Leticia de Moura, Marisa Harumi

Yamaguchi, Monica Aparecida da Silva e Rosimeire Ribeiro Gomes

Coordenador de Operações Mauricio Souza da Silva **Coordenador**

de Manutenção Stefan Salej Gome **Equipe de TI** Yudji Alessander Otta

Segurança do Trabalho Mateus Costa do Nascimento

Coordenadora de Parcerias e Novos Negócios Luciana Gabardo dos

Santos **Equipe de Parcerias e Negócios** Giovanna Campelo **Equipe**

de Atendimento ao Público Claudiana de Melo Sousa, Erick de Souza

Rodrigues, Jorge Rodrigo dos Santos, Kleber Roldan de Araujo, Monica

de Souza, Rosimeire Pontes Carvalho, Vitoria Terlesqui de Paula e Walmir

Silva do Nascimento

Coordenadora Financeira Maria Eugênia Melo de Carvalho **Equipe**

de Finanças e Controladoria Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa,

Jéssica Brito Oliveira, João Vithor Alves Feitosa Pianco, Kedma Encinas

Almeida, Marcio Shoiti Ito, Maria do Socorro Lima da Silva e Valeria de

Freitas Mota Lima **Equipe de Compras e Suprimentos** Leandro Ribeiro

Cunha, Raimundo Nonato Bezerra, Raphael Teixeira Lemos, Roberto

Takao Honda Stancati e Thauana Moura Santos **Equipe de Contratos e**

Jurídico Aline Rocha do Carmo, Daiana da Silva Bastos e Yara Maria da

Silva **Coordenadora de Recursos Humanos** Renata Aparecida Barbosa

de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Jessica Isis Domingos de

Negreiros, Marlene Bahia dos Santos, Monik Silva Negreiros, Priscilla

Pereira Gonçalves e Vitoria Fernanda do Carmo Leite

Aprendizes Alice Barbosa de Assis, Beatriz Alves de Negreiros, Endely

Giglio Totolo, Evelllyn de Souza Candido, Francielli Jonas Perpetuo, Igor

Henrique Almeida da Silva, Leticia Lopes da Silva, Matheus Bastian

Moraes, Pablo Galdino Picoloto, Rhuan Lima de Souza Cavalcante e

Romário de Oliveira Santos

INFORMAÇÕES E INGRESSOS
THEATROMUNICIPAL.ORG.BR

ACOMPANHE NOSSAS
REDES SOCIAIS:

Theatro Municipal

 @theatromunicipalsp

 @theatromunicipal

 @municipalsp

 /theatromunicipalsp

Praça das Artes

 @pracadasartes

 @pracadasartes

Para uma experiência segura, confira
o manual do espectador, disponível
em: **[theatromunicipal.org.br/
manualdoespectador](http://theatromunicipal.org.br/manualdoespectador)**

É obrigatória a apresentação do
**comprovante de vacinação contra
Covid-19** para todas as atividades do
Theatro Municipal e da Praça das Artes.
O comprovante pode ser físico (carteirinha
de vacinação) ou digital (disponível nos
aplicativos ConectSUS, Poupatempo Digital
e E-saúde SP).

O **Theatro Municipal de São Paulo** conta
com você para aperfeiçoar suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:
escuta@theatromunicipal.org.br e
ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br

Programação sujeita a alteração.

SINTA-SE
À VONTADE.
NA NOSSA
CASA OU NA SUA,
O THEATRO
MUNICIPAL
É SEU.

APOIO:



REALIZAÇÃO:

#SUSTENIDOS



FOR
INDEPENDENT
FOR
FOR